



AMÉRICA DO SUL

Pressão sobre Milei

Mais de 1,5 milhão de argentinos, segundo organizadores, saem às ruas de Buenos Aires e das principais cidades para exigir o fim do sucateamento da universidade pública e dos cortes orçamentários. Governo denuncia ato político da oposição

» RODRIGO CRAVEIRO

Em mais um ato de pressão contra a política implementada pelo presidente Javier Milei, professores universitários, estudantes e sindicalistas tomaram as principais ruas do coração de Buenos Aires para denunciar o sucateamento da universidade pública na Argentina e os cortes orçamentários. Os protestos estenderam-se para outras partes do país e mobilizaram, segundo organizadores, cerca de 1,5 milhão de pessoas. O governo de Milei acusou um "ato da oposição" e um movimento "completamente político". A marcha coincide com um escândalo de corrupção envolvendo Manuel Adorni — chefe de gabinete de Milei, ele é acusado de enriquecimento ilícito. Na segunda-feira, o Executivo publicou mudanças no orçamento, com cortes nos setores da educação e da saúde, em nome da austeridade fiscal. Ao fim da manifestação de ontem, foi lido um documento com um pedido para que a Corte Suprema intervenha e "não permita que o governo siga descumprindo com a Lei de Financiamento Universitário".

A psicóloga Ileana Celotto, subsecretária da Associação dos Grêmios Docentes da Universidad de Buenos Aires (UBA) e uma das principais organizadoras da marcha, afirmou ao **Correio** que a principal demanda dos protestos de ontem foi exigir que o Milei faça valer a Lei de Financiamento Universitário. "O texto foi votado e ratificado cinco vezes pela Câmara dos Deputados e pelo Senado. Além disso, houve duas decisões da Justiça que obrigam sua aplicação. Há 201 dias o governo não aplica essa lei", explicou.

Ela acusou Milei de levar a um "esvaziamento brutal" da universidade pública. "O orçamento previsto pelo governo modifica muito as possibilidades de funcionamento da instituição de ensino superior pública. No caso da UBA, temos um instituto especializado

Luis Robayo/AFP



Estudantes e funcionários de universidades marcham em direção à Plaza de Mayo, em ato contra as políticas do presidente Javier Milei

no tratamento de pacientes com câncer. Dos 18 centros cirúrgicos, apenas seis ou sete estão funcionando. O restante está desativado, pois é necessário um orçamento para fazer os repartos, e esse dinheiro não existe", acrescentou a subsecretária.

Ainda segundo Celotto, mais de 10 mil professores e funcionários de universidades públicas pediram demissão durante o governo atual. "No caso do Nacional Buenos Aires, um colégio pré-universitário da UBA, 130 docentes se demitiram. Em outro colégio similar, o Carlos Pellegrini, foram 93", relatou. A organizadora da marcha entende que a aplicação da Lei

de Financiamento Universitário implicaria um aumento de mais de 50% nos salários dos professores e nas bolsas estudantis.

Bahía Blanca, a 650km de Buenos Aires, foi uma das cidades que participaram do movimento de protestos por todo o país. Coordenador da marcha local, o professor e dirigente sindical Juan Cappa — secretário adjunto da Associação de Docentes da Universidad Nacional del Sur — disse ao **Correio** que eram esperados mais de um milhão de manifestantes em todo o país. Ele estimou em 14 mil o número de pessoas que saíram às ruas em Bahía Blanca.

"Desde a ascensão de Milei, os salários dos professores e funcionários das universidades caíram 40%, enquanto as bolsas estudantis despencaram 75% em valor e 50% na quantidade. Estamos protestando, também, contra cortes orçamentários na ciência e na educação."

Demandas

A expectativa de Cappa era de que a manifestação de ontem canalizaria outro conjunto de demandas acumuladas da classe trabalhadora a Milei. "Haverá protestos contra a falha do governo em implementar a lei

emergencial para pessoas com deficiência, por reivindicações pelo aumento de aposentadorias e pela defesa da saúde. Também atos contra as políticas de Milei que atacam o meio ambiente, corroem direitos trabalhistas e implementam políticas recessivas que levaram ao fechamento de 20 mil empresas no último período", enumerou Cappa. "Somam-se a isso inúmeros casos de corrupção dentro do governo. Por todos esses motivos, a marcha universitária será um canal de expressão contra o governo Milei e uma reivindicação por melhorias para toda a população."

Eu acho...

Arquivo pessoal



"A universidade pública na Argentina está deteriorando. Sem bolsas, os estudantes abandonam o curso. Há um índice elevado de evasão nas instituições de ensino superior. Defendemos a universidade para que qualquer filho de uma família trabalhadora possa entrar e estudar. Mas a situação dessas famílias é muito ruim. A universidade está em sucateamento por falta de orçamento."

ILEANA CELOTTO, subsecretária da Associação dos Grêmios Docentes da Universidad de Buenos Aires (UBA) e organizadora da marcha

Líder do movimento Polo Obrero e responsável pela organização de piquetes em Buenos Aires, Eduardo Belliboni, 67 anos, falou ao **Correio** durante a marcha, na capital. De acordo com ele, os manifestantes tomavam mais de 15 quarteirões da Avenida Mayo, do Congresso até a Casa Rosada. A via é uma das mais largas da Argentina. "Uma enorme multidão de trabalhadores do setor de educação no protesto. O governo reprimiu a manifestação de aposentados. Mas, quando centenas de milhares de pessoas saem às ruas, o governo se guarda e não tem possibilidade de reprimir um protesto assim", disse.

EUA prometem libertar presos venezuelanos

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, declarou que "todos" os presos políticos venezuelanos serão libertados e voltou a elogiar o "grande trabalho" da presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez. "Vamos tirar todos eles" das prisões, declarou o republicano à imprensa antes de embarcar para a China. O governo de Delcy Rodríguez assegura

que a recente lei de anistia beneficiou mais de 8 mil pessoas, número questionado por familiares e organizações de defesa dos direitos humanos. "Delcy está fazendo um grande trabalho", assegurou o republicano, que ordenou a captura e a saída do país do presidente Nicolás Maduro e sua esposa, em janeiro.

"O povo da Venezuela está contente

com o que aconteceu. Não podem nem acreditar. Estão dançando nas ruas", afirmou Trump. Em entrevista recente, o presidente americano tinha voltado a lançar a ideia de que a Venezuela se tornasse o 51º estado da União, uma sugestão que causou irritação no governo venezuelano, disposto a manter o poder. "Temos a Exxon, temos a Chevron, temos todas as grandes

companhias (de petróleo) no país, e a Venezuela agora está ganhando mais dinheiro do que ganhou nos últimos 25 anos", acrescentou Trump.

A saída de Maduro provocou uma enxurrada de mudanças políticas e econômicas na Venezuela, graças, em boa parte, à suspensão das sanções ao seu petróleo por parte do Departamento

do Tesouro americano. A liberação econômica na Venezuela deve seguir, segundo os planos Washington, de uma transição política que resulte em eleições livres e transparentes.

Caracas mostra-se ambivalente sobre os próximos passos políticos do regime chavista, no poder há 25 anos. A anistia devia ser uma passagem

significativa nesta transição vigiada por Washington, mas foi afetada pela lentidão em soltar os presos e pela quantidade real de libertados. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos advertiu, na semana passada, que o número de pessoas em liberdade plena chega a 186, enquanto outras 554 deixaram a prisão, mas sob medidas cautelares.

ENCONTRO DE CÚPULA

Trump e Xi Jinping, cara a cara em Pequim

» SILVIO QUEIROZ

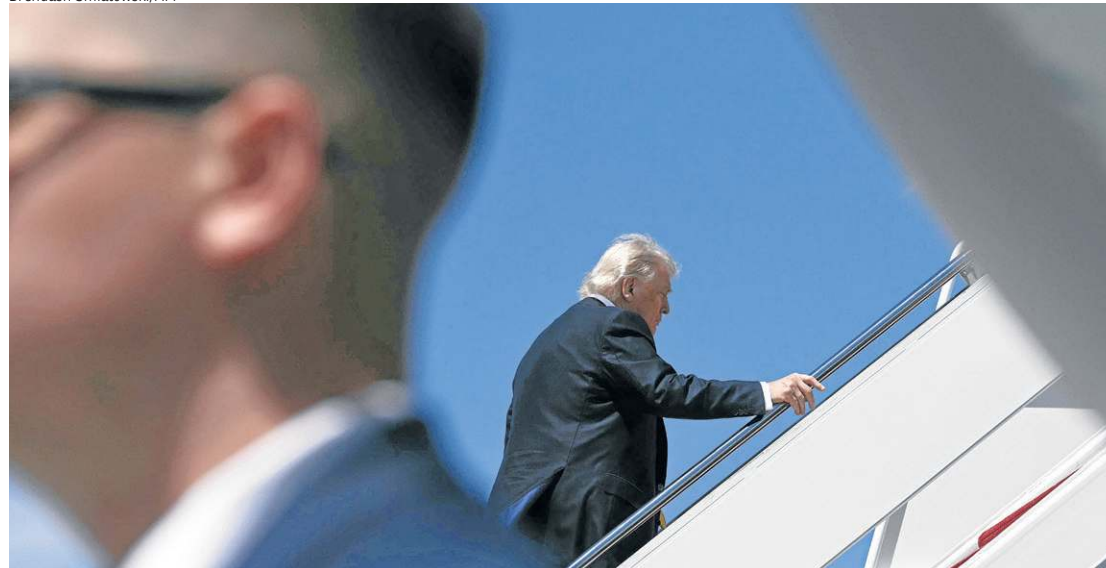
Donald Trump desembarca hoje em Pequim para o segundo encontro, no atual mandato, com o presidente Xi Jinping, e a primeira visita de um presidente dos Estados Unidos à China em cerca de uma década — ele próprio, em 2017, no primeiro período presidencial. A agenda especulada por assessores de ambos os lados, além de observadores e estudiosos, reflete as transformações em curso no cenário internacional e na economia global e, por tabela, nas relações entre uma superpotência que vê ameaçados os planos de supremacia e outra, em ascensão, confiante em assentar seu lugar na hierarquia geopolítica.

Na partida da Casa Branca, ontem, o presidente abordou brevemente com a imprensa um tema que, assumidamente, prefere colocar em segundo plano, mas que dificilmente poderá evitar. A guerra

dos EUA e de Israel contra o Irã, que avança pelo terceiro mês, coloca Washington em confronto direto com um aliado de primeira importância para o regime comunista de Pequim. A alta do petróleo e o bloqueio naval no Estreito de Ormuz, via essencial para a exportação da commodity, estão no centro das preocupações da diplomacia chinesa, que manobra em parceria com o Paquistão para colocar as partes em negociação e apressar uma solução definitiva para o conflito.

"Teremos uma longa conversa sobre isso", disse Trump aos jornalistas, seguiu de que a China "não causa problemas" para os EUA no Oriente Médio, embora tenha recebido na semana passada o chanceler iraniano, Abbas Araghchi. Depois de se referir a Xi como "alguém com quem nos damos bem", reforçou a expectativa otimista para o encontro de cúpula, adiado justamente por causa da guerra: "Acho que elevará que coisas boas vão acontecer".

Brendasn Smialowski/AFP



Segundo tempo

O professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPN, vê as reuniões de hoje e amanhã entre os líderes das duas principais economias

como uma espécie de "segundo tempo" nas relações bilaterais — entre os dois países e entre eles próprios. "Fundamentalmente, no primeiro mandato, Xi não sabia como lidar com Trump", disse ao **Correio**. "Era ainda uma fase

de conhecimento entre os dois, uma aproximação. Trump acreditava que aproximando as relações pessoais ele conseguiria concessões econômicas, cooperação sobre a Coreia do Norte, até uma espécie de equilíbrio pragmático."

O presidente dos EUA embarca em Washington com destino à China: na pauta, economia, relações bilaterais e a guerra no Oriente Médio

Passados quase 10 anos, é Xi quem aguarda a visita na posição de líder consolidado da locomotiva que puxa a economia global. Dobrou a ofensiva tarifária de 2025 e negocia em vantagem as pendências bilaterais no tema crítico do desenvolvimento das tecnologias que despontam como chave para o desenvolvimento econômico no século 21. "A China tem usado seu quase monopólio nas terras raras e minerais críticos para pressionar o governo americano a liberar o acesso a microchips mais avançados" exemplifica o professor da ESPN. "Com certeza, é um tema central na conversa deles, porque é o futuro: quem vai controlar inteligência artificial e computação quântica."